

**Dados de catalogação bibliográfica:** Mendes, S.D. (Org.) (2012). *Cronicando 3*. Buenos Aires: Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires.

**Título:** Cronicando 3

**Organização:** Sónia Dias Mendes

**Edição:** Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires

**Data:** Junho de 2012

**Local:** Buenos Aires, Argentina

**Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires**

Carlos Pellegrini 1515

Buenos Aires - CF

Argentina

[info@institutocamoes.org.ar](mailto:info@institutocamoes.org.ar)

**Edição financiada por:**

Instituto Camões, I.P.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portugal

[www.instituto-camoes.pt](http://www.instituto-camoes.pt)



**Ao fechar este ciclo, gostaria de, em meu e vosso nome, "fazedores" do *Café Literário: Cronicando*, agradecer:**

*à Reitora, Prof. Isabel Bompert, à Vice-Reitora, Prof. Alejandra Leoni, à Vice-Reitora, Prof. Nora Pelaia, e à Regente do Nivel Terciário, Prof. Diana Ardissonne, do Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández" pelo carinho com que sempre me acolheram e pelo entusiasmo com que sempre apoiaram as atividades promovidas pelo Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires*

*aos colegas do Departamento de Português do Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández" pelo apoio ao nosso trabalho em prol da divulgação da língua portuguesa*

*ao José Luís Peixoto pela sua cumplicidade e amável contribuição para a edição do nosso livro "Cronicando 2"*

*à Rosa da Silva e Susana Maccarone, bolsistas Fernão Mendes Pinto/IG e companheiras de trabalho ao longo destes 6 anos, fundamentais para o sucesso de todas as atividades realizadas*

*ao Instituto Camões e à Embaixada de Portugal em Buenos Aires, pela confiança em mim depositada e pelo acompanhamento e apoio constantes ao meu trabalho como Leitora IG*

**Gostaria de dedicar estes três, livros *Cronicando* (2011), *Cronicando 2* (2012) e *Cronicando 3* (2012):**

*a todos vocês, "fazedores" de crônicas que falam por e para todos, Ale Caramia, Ale Leanza, Analía, Andrea, Celeste, Cintia, Fede, Fer, Guille, Iván, Leo, Lili, Marce, "Maria" Lara, María Eva, Moni, Paulinha, Nachito, Romina e Santiago*

*às minhas queridas alunas de Língua Portuguesa IV do ano letivo 2012, Karina, Patricia e Valeria, a quem "deixo" apenas fisicamente*

*de forma especial, à Rosinha, minha e nossa companheira de todos os momentos, que mais do que minha amiga, foi – e continuará a ser para sempre – a minha mãe lusoargentina; ela é a prova viva de que o trabalho em equipa, o comprometimento, o respeito e a amizade podem ter lugar numa só relação*



## ÍNDICE

<i>Prefácio por Sônia Dias Mendes (Neste espaço, agora aqui, aí dentro de pouco)</i> .....	5
Criar, copiar ou plagiar. (Alejandro Garamia).....	9
O desencontro (Alejandro Leanza).....	11
As coisas do dizer (Analía da Silva).....	13
Como se o orvalho tivesse beijado você (Andrea Levitt).....	14
A difícil arte de escrever (Cintia Gomez).....	16
Óculos, relógios, perfumes (Federico Polastri).....	17
A casa das palavras (Fernanda Flores).....	19
Óculos, relógios, perfumes (Guillermo Jiménez).....	21
Dor no parto? Dor não, parto. (Ignacio Spina).....	23
Uma laranja na mão (Iván Vilano) .....	26
Verdes anos (Lara Araújo Silva).....	28
Verdes anos: Uma etapa, várias alegrias (Leonardo Garizzio).....	30
O meu velho (Liliana Bustos).....	32
Chega uma altura (Marcela Gil).....	33
Nosso último dia juntos (María Celeste Aguirre).....	35
Mulheres (María Eva Parisi).....	36
Você (Mónica Rososchik).....	38
Voltando para casa (Paula de Aloysio).....	39
Como se o orvalho tivesse beijado você (Romina Heiber).....	41
Porque é que nós, mulheres, somos tão parvas? (Rosa da Silva).....	43
Vide bula (Santiago Ure).....	45
<i>Nota da Organizadora</i> .....	47

*Era um Setembro entre os Setembros da minha vida.*

José Luís Peixoto (*Uma casa na escuridão*)

*...porque os dias mágicos passam depressa  
deixando marcas fundas na nossa memória  
que alguns chamam também de coração.*

Ondjaki (*Os da minha rua*)

*Cada escritor (e cada pessoa) ama a sua língua materna como se  
dela continuasse nascendo. Assim amo a minha língua portuguesa.*

Mia Couto (*Jornal de Letras*)

## NESTE ESPAÇO, AGORA AQUI, AÍ DENTRO DE POUCO...

Quando eu era pequenina, brincava em frente ao espelho do guarda-vestidos do meu quarto a fingir que era professora de Inglês, tinha eu 10 anos e foi aí, acabava de entrar para o 5.º ano (como lhe chamávamos na altura em Portugal, para o "ciclo"), foi aí, nesse momento inocente, que decidi que queria ser professora. E nunca mais larguei esse caminho, nada no meu percurso escolar e académico me fez alguma vez duvidar da minha decisão tomada tão precocemente.

Essa resolução precoce devo-a, penso que totalmente, à minha professora de Inglês do 5.º e 6.º anos, a quem, num país de formalismos, onde se tratam os professores por "stor" (abreviatura de Sr. Dr.), nos dizia que a tratássemos pelo nome próprio, Isabel, e por "tu", como se de uma amiga da família se tratasse. O exemplo que ela foi como professora – ainda hoje desconhece, porque nunca mais a vi, – essa influência que em mim exerceu e a paixão pela língua inglesa foram as razões pelas quais tantas vezes brinquei em frente ao espelho do guarda-vestidos do meu quarto a fingir que dava aulas de Inglês (não sei se estas vontades se transmitem também por genética, porque descobri há pouco tempo que a minha Mãe, também Isabel, queria ser professora, mas pelos tempos difíceis que se viviam em Portugal na sua juventude, não lhe foi possível concretizar o seu sonho).

Mais tarde, já na adolescência, com 15 anos para ser mais precisa, deixei-me apaixonar por outra língua germânica, a alemã (ainda que a muitos pareça estranho, não fosse uma língua agressiva para tantos ouvidos), ia ser professora de Inglês e Alemão! E aos 21, aquando da minha primeira saída do país, motivada precisamente pela paixão pela língua alemã, desejei que o ensino me levasse mais longe. 11 anos depois da minha primeira eleição pelo ensino de línguas estrangeiras, fiz a segunda: ensinar a minha língua em mundos outros, longe, bem lá longe de casa, onde os ventos cantam com mais ritmo e o céu tem as cores intensas do arco-íris.

(Quando tinha 10 e 15 e 20 anos, desconhecia que este sonho criado em tão tenra idade para tão longe de casa me traria.)

Motivada pela vontade de abraçar e sobrevoar esses novos mundos, sentada no chão do meu quarto (agora outro, já não aquele de quando tinha 10 anos, porque entretanto mudei de casa), sentada no chão como uma menina que se prepara para brincar com as bonecas, decidi que esse novo mundo seria a Argentina, ou pelo menos esperei que assim fosse, enquanto ordenava as minhas preferências de país no formulário de candidatura ao Instituto Camões. O meu pai assustado, a olhar de cima para baixo, como se de uma fotografia com plano picado se tratasse (não se esqueçam que eu estava sentada no chão), Oh, Sónia, Argentina? Mas está tão

longe! A menina de 26 anos, a agir com o sonho de 10, Não, hoje em dia com os aviões nada fica longe, chega-se num instante! E foi assim que desejei chegar a este país.

E aqui aterrei, em 2006, menina, quase mulher (poderei afirmar, antes de continuar, que as grandes decisões profissionais na minha vida foram tomadas no meu quarto, a olhar para um espelho ou sentada no chão, e ainda sentada no chão da sala da minha amiga Bé nos país dos canais intermináveis). Aqui cheguei em Setembro de 2006 (*era um Setembro entre os Setembros da minha vida*) e, agora, seis anos volvidos, já mulher, preparo-me para deixar este país que me fez crescer, deixo os cantinhos desta cidade (*la ciudad de la furia, donde nadie me ve y yo soy parte de todos*), esta cidade por onde tanto caminhei, por onde tantas gargalhadas soltei, onde tanto pinchei, menina (de dez anos) que continuo a ser.

Quando tinha 10 e 15 e 20 anos, ignorava que este sonho criado em tão tenra idade para tão longe da pátria me traria. Quando tinha 10 e 15 e 20 anos, não imaginava que este sonho criado tão precocemente me faria estar convosco, hoje, aqui, neste espaço, a realizar o “Il Café Literário: Cronicando” e a visitar e a celebrar, uma vez mais, o nosso trabalho passado em torno da (*nossa*) arte de *cronicar*.

Aqui, neste espaço, visitámos a casa das palavras de Galeano e lá encontrámos, nos velhos frascos de vidro, palavras desejosas de serem observadas, de serem tocadas, de serem cheiradas, de serem escolhidas, e lá encontrámos palavras que não conhecíamos e aquelas que conhecíamos mas que tínhamos perdido, e, nessa casa, descobrimos as cores que nos faltavam (*revela-me os teus segredos, as geleias e os licores, quero contigo aprender cheiros, ervas e flores*): o amarelo limão, o amarelo sol e também o amarelo laranja e ainda o amarelo maçã; em cima da mesa da casa das palavras, encontrámos o azul mar, o azul fumo, o vermelho sangue, o vermelho vinho e ainda o verde relva, o verde menta, e o cor-de-rosa fúchsia e também o cor-de-rosa brilhante, e tantas outras, infinitas cores que habitam as vossas crónicas, quase arco-íris de palavras. “Muitos pensam que a língua é a ferramenta privilegiada do escritor. (...) A verdade é que as palavras são apenas uma das ferramentas dos que produzem literatura. As ideias, os sonhos, os sentimentos e devaneios – esses são os materiais de quem escreve” (Mia Couto, 2012). E é esta conjugação de elementos que encontramos nas vossas crónicas, a língua portuguesa aliada a sonhos, sentimentos e devaneios, num misto de palavras recuperadas e vibrantes cores.

Quando tinha 10 e 15 e 20 anos, não imaginava que, aqui, neste país, neste espaço, tão longe de casa, juntos transformaríamos “em letras o que não tem letra nenhuma” (António Lobo Antunes, 2006) e que sussurraríamos e escreveríamos palavras, palavras com muitas formas, palavras de diversas e intensas cores, palavras com aroma a mel, caramelo e manjerição.

Quando eu era pequenina, brincava em frente ao espelho do guarda-vestidos do meu quarto a fingir que era professora de Inglês, tinha 10 anos e, hoje, com quase 32, não brinco

mais em frente a espelhos, hoje com quase 32 primaveras, estou aqui à vossa frente, meus alunos e ex-alunos, *fazedores* de crónicas, e colegas de profissão a viver os momentos de prazer com que a docência me brinda diariamente (o brilho nos meus olhos, o meu sorriso aberto pelos vossos sorrisos rasgados, senti e sei que este era o caminho).

Aqui, terra que me pertence e me continua a ser alheia, criei raízes que permanecerão em espírito, em palavras, em pensamentos. 6 anos com tantas raízes, com tantas e tantos. É agora que me preparo para partir, sei que não mais essas raízes serão regadas com a água deste país, permanecerão dentro de mim, dentro de vocês, que cá deixo volvidos 6 anos da minha chegada. Os frutos da minha passagem, esses quero acreditar que os deixo, que das sementes que foram sendo plantadas nasceram lindas cores e formas, que, espero, deem vida a outras novas e fortes cores e formas distintas.

Menina pequenina que continuo a ser, levo-vos comigo dentro de mim. Menina que continuo a ser, continuarei a saltar nos meus pensamentos nestas avenidas intermináveis. Continuarei a soltar gargalhadas e a sorrir de cada vez que as raízes que cá deixo fisicamente me sobrevoarem os pensamentos e o coração. É de cada vez que nelas pensar, lágrimas verterei, como agora, que antecipo o meu regresso a casa, que já não é inteiramente casa, porque cá deixo uma parte de mim, do que vivi e do que sou (*llevo el Sur, como un destino del corazón, soy del Sur, como los aires del bandoneón, te quiero Sur, Sur, te quiero*). No que me tornei, a vocês, meus alunos e ex-alunos, e também a ti, país que me continua a ser alheio, devo. 6 anos de existência, 6 anos de passagem de menina a mulher. A quase mulher que cá chegou leva agora na mulher que é tanto daquilo que tu, país que me abriu os braços, me deu, me ensinou. A tudo deixo, fisicamente tudo fica, só eu parto. Interiormente, os 6 anos vão comigo. Interiormente, levarei tudo e todos os que me ajudaram ao rito de quase para mulher.

Neste espaço, agora aqui, aí, dentro de pouco.

Sónia Dias Mendes  
Leitora Instituto Camões Buenos Aires  
Buenos Aires, 7 de Junho de 2012





ALEJANDRO CARAMIA

## CRIAR, COPIAR OU PLAGIAR.

Você é criativo? Eu, com certeza, não.

Você copia os trabalhos de seus colegas? Eu, só um pouco.

Você plágia os relatórios elaborados com grande precisão e tédio por outros cérebros? Eu não posso fazer declarações até chegar meu caríssimo, nos dois sentidos, advogado.

Você pensa que eu, alma caridosa e bem-intencionada, poderia plagiar alguma coisa?

Você acredita na fofoca de corredor falada sobre o autor desta crônica por alunos ciumentos?

Você deveria saber que é somente inveja da minha beleza e sabedoria.

Você é um daqueles que não gostam de meu sucesso?

Você é um deles.

Eu sei.

Em minha defesa, eu digo: ...não (eu já disse que não tenho criatividade).

Em minha defesa, vou tentar dizer alguma coisa, boa, ruim, supérflua, útil, fútil e até desnecessária para esta argumentação me inocentar, mas eu vou dizer algo.

Em minha defesa, talvez tenha que copiar alguma defesa de outra pessoa, mas vou me defender, saiba isso. Se meus colegas, que não sabem colocar uma senha para guardar em forma segura seus arquivos da faculdade, pensam que eu não digo nada, estão errados. Eu já disse que vou dizer algo.

Em minha defesa, vou pedir para um *ghost writer* que escreva o que escreveria alguém que é acusado, frequentemente, de um delito de privacidade intelectual e deveria passar por inocente apesar de ter os originais das obras plagiadas embaixo de sua própria cama em um envelope branco amarelado intitulado em letras vermelhas grafadas com muita pressa "Top secret: o segredo do meu sucesso no IESLV 'Juan Ramón Fernández' ou a cópia e o plágio como forma de sedução artística e intelectual de minhas professoras". Eu, através do *ghost writer*, vou dizer algo.

Em minha defesa, o meu eloquente advogado acrescentou seus honorários como os plagiados acrescentaram seu ódio para mim, portanto, não vou poder pagar o *ghost writer* para dizer o que quero copiar, plagiar ou dizer. Desculpe, não quis dizer plagiar, eu quis dizer 'dizer algo'.

Em minha defesa, vou plagiar mesmo as melhores cópias dos originais esquecidos nas estantes de velhas e úmidas bibliotecas públicas da periferia desta enorme cidade cinzenta que foram

criadas por metódicas mãos fervorosas de fama de autores desconhecidos em anos em que ninguém possuía os direitos autorais nem regalias da venda de livros no estrangeiro, ainda mais naqueles países do sul do equador e no oeste do meridiano de Greenwich perto do fuso horário -3 GMT, mas eu vou dizer algo.

Em minha defesa, eu vou culpar alguma professora europeia que possua como língua materna o Português por demorar em dar os comandos e os materiais para fazer este trabalho. Por este motivo, eu não tenho criatividade e vou copiar; não, melhor, vou plagiar algo.

2010

---

ALEJANDRO LEANZA

## O DESENCONTRO

Eu não sei se há mulheres que também fazem isto, mas os homens são peritos na matéria. Refiro-me, minha querida, àqueles que se valem de mentiras e aparências para nos conquistarem. Eu manifesto um perpétuo desencontro perante essa tática miserável que eles desenvolvem com tanta habilidade e naturalidade – porque, com certeza, mentir é próprio da sua natureza, meu bem.

Declaro-me uma vítima constante da mentira masculina. Ela me persegue desde que eu era adolescente e é por isso que apresento uma plena divergência com esse traço tão repugnante e corriqueiro que caracteriza o homem atual e pretérito. Eu fui enganada muitas vezes pelos homens. O engano maior, sem dúvida, foi o do Jorge. Você lembra o Jorge, querida...?

Conheci o Jorge trabalhando num hospital da prefeitura de Monte Grande. Eu só me cruzava com ele nos corredores do hospital, ele sempre vestindo um guarda-pó mais ou menos branco, sempre apressado, sempre um pouco despenteado, às vezes mesmo um pouco desarrumado... Tais características não eram para mim nada atraentes, por certo. Porém, a minha impressão mudou substancialmente quando, um determinado dia, depois de várias semanas sem tê-lo visto, o Jorge apareceu impecável, vestindo um maravilhoso paletó preto (Yves Saint Laurent legítimo?), bronzeadíssimo (recém-chegado, segundo eu soube depois, de uma viagem pela Côte d'Azur francesa), descendo de um carro Ford Escort novíssimo, também preto (harmonizando perfeitamente com o paletó). A viatura brilhava tanto que você não podia olhá-la fixamente sem se cegar. Aí, eu agi imediatamente: procurei ele sem parar durante três semanas até que consegui conquistá-lo. O Jorge deixou o apartamento onde morava e se instalou na minha casa, apaixonadíssimos ambos. Mas a paixão não durou muito e a verdade começou a aparecer, aos poucos, depois de três meses de namoro. O casaco preto era de um avô morto vários anos antes. Além do mais, por causa do carro, o Jorge estava endividadíssimo e pagando quantiosos juros, e, finalmente, a viagem à França foi devido a um campeonato de futebol. Cê tá vendo...? Ele não tinha pisado nem o Louvre, nem a Tour Eiffel nem os Champs-Élysées. Ele só tinha pisado campos de futebol, você acredita, minha querida? Aí, eu agi imediatamente: pedi para ele partir logo da minha casa, por ser mentiroso. (Mentiroso...? Mas por que você fala isso? Eu não falei mentira nenhuma! E não tenho onde morar agora!). Não me importei com isso... Mande-o embora de qualquer jeito.

Semana passada, marquei um encontro com um homem pela Internet. Iríamos nos encontrar na Confeitaria Colombo. Cheguei, mas não entrei, eu queria dar uma olhada prévia. O homem estava justamente onde a gente tinha determinado, vestido da maneira que ele tinha indicado. Eu provoquei o desencontro – desta vez no sentido literal do termo – já que fugi instantaneamente: ele era feio demais – e, certamente, seria mais outro mentiroso, como o resto dos homens. Não é, minha amiga...?

2011

---

ANALÍA DA SILVA

## AS COISAS DO DIZER

Faz muito tempo que não pensava nela, desde que eu era um simples adolescente. Foi uma quinta-feira do mês de fevereiro, ali estava ela tão linda como eu lembrava – tão bonita quanto você. Eu lembrei tudo, lembrei do desejo que tinha por ela, da sua figura, que tinha sido criada pelos melhores artesãos, a sua companhia nos bons e maus momentos, as nossas saídas com amigos, etc.

Ah! Quanta saudade dela! Pensar que a deixei só porque acreditei ser o homem mais esperto da terra, por achar que por culpa dela não conseguiria fazer o que quisesse, como por exemplo esportes, visto que não era adequada para isso. No entanto, estava muito errado. Por muito tempo, achei que não precisava dela, que não era necessária na minha vida, porém, uma vez mais, estava enganado. Como sei isso? Porque o meu coração sucumbiu, simplesmente, quando a vi nessa loja, nessa esquina, naquele rincão aguardando, como quem aguarda seu amor no dia dos namorados, ali, ali estava ela, somente ela.

Por minha mente, passaram um conjunto das mais desopilantes ideias, como por exemplo, entrar na loja (com a velocidade do ladrão que entra no banco), pegá-la e sair fugindo ou, simplesmente, acariciá-la e senti-la nas minhas mãos. Porém, não fiz nada disso.

Atravessei a rua, entrei na loja, tirei o meu cartão de crédito e falei para a dona da loja: “Quanto é que custa?”. A dona me olhou e me perguntou: “O quê? A calça boca de sino?”. Imediatamente e sem duvidar, eu respondi: “É”.

Com minha voz tremendo, falei-lhe: “Eu sei que você acha que sou idoso, que não posso com meu corpo, mas quando era adolescente...”. Ela nem me deixou finalizar, e disse: “São 150 euros!”.

Foi assim que entreguei o meu cartão de crédito e paguei à vista a calça boca de sino. Nunca mais voltei a essa loja, como também não deixei de usar minhas calças novas!

Portanto, você que ainda está na flor da sua vida, por favor, não seja tímida e ensine ao mundo o que é desfrutar da vida sem pensar no que dirão.

Sempre é importante lembrar que, apesar do que os outros pensem, nunca devemos deixar de fazer as coisas que amamos e das quais gostamos.

2011

---

ANDREA LEVITT

## COMO SE O ORVALHO TIVESSE BEIJADO VOCÊ

Não sei o que estou esperando. Que você apareça uma noite e me diga que tudo foi uma mentira, uma confusão. Que a sua viagem será temporária e que, em breve, voltaremos a estar juntos e felizes.

Penso uma e outra vez nos dias compartilhados, nos momentos maravilhosos que passamos. Lembro-me daquele dia andando pela beira do mar durante o entardecer quando parecia que não existia mais nada no mundo a não ser você e eu. Nossas figuras refletindo-se na água transparente e clara, as nossas mãos dadas formando uma aliança fiel e inquebrantável. O que foi que aconteceu? Fiquei adormecida por um instante e quando acordei tudo tinha mudado ou terá sido um sonho?

Tudo começou naquela tarde de verão. O céu brilhava alto e intenso enquanto o mar batia nas pedras como leves e constantes carícias. Eu apenas levantei os olhos e te encontrei no horizonte (Você acredita no amor à primeira vista? Pois eu acredito, mesmo!).

De repente, como se os milagres existissem, teus olhos encontraram-se com os meus. A distância encurtou-se e tudo o que nos rodeava ficou fora da cena. Meu coração queria correr até ao seu, infinitas palavras de amor queriam sair dos meus lábios, mas foi simplesmente o silêncio que se encarregou da comunicação entre nós.

Sem palavras, entendemos que a vida tinha nos unido para sempre. O decorrer do tempo fez com que confiássemos um no outro, que o vínculo de amizade, de amor e de companheirismo fosse crescendo dia a dia.

Durante sete anos, trabalhamos duro, viajamos pelo mundo, projetamos um futuro em família. Decidimos comprar uma casa perto da praia, perto desse lugar que nos encontrou por primeira vez. Um lugar cheio de harmonia e pleno de paz.

Era o nosso refúgio (será o nosso eterno refúgio), o nosso pequeno mundo que permitia nos afastar dos barulhos da grande cidade, da velocidade da vida moderna, do absurdo da corrida contrarrelógio sem saber realmente aonde é que vamos.

Hoje, o pôr do sol já tingiu de vermelhos e laranjas a areia e o frio da noite começa a me invadir. Aqui estou, meu grande amor, debruçada na janela olhando o horizonte. Procurando seu olhar em cada uma das estrelas, tentando entender que sua viagem será, como o meu incondicional amor, para sempre, tentando entender como farei para viver sem você.

Agora fecharei os olhos, e como se os milagres existissem, continuarei esperando que você volte. Sentindo-te próximo de mim, como se eu pudesse te beijar, como se o orvalho tivesse beijado você para que possa descansar.

- Até amanhã, meu grande amor, até sempre!

2009



CINTIA GOMEZ

## A DIFÍCIL ARTE DE ESCREVER

Escrever não é fácil. Mas também não é impossível.

Escrever leva tempo. Mas o tempo leva as pessoas a escrever.

Escrever pode servir para tudo. Mas nem tudo serve para a escrita.

Escrever demonstra os sentimentos das pessoas. Mas, muitas vezes, esses sentimentos se ocultam e não querem sair.

Escrever é enfrentar a realidade do mundo. Mas do mundo pessoal do escritor, que pode ser compartilhado ou não.

Também escrever será transformar essa realidade. Manipulá-la. Criá-la. E nos levará a pensar que nossas palavras são o mundo – um mágico mundo ideal, talvez.

Escrever nos fará andar por um caminho sem destino certo. Inconfundíveis palavras compridas, curtas e simples que sairão do cérebro para o papel – também para o Microsoft Word hoje em dia.

Muitas vezes, as pessoas escrevem porque sentem saudade de alguém ou para recriar um momento vivido. Nessa saudade, se encontram as melhores palavras, porque elas vão representar o que está escondido no fundo do coração.

Paciência.

Escrever parece complicado, e até chega a atrapalhar as pessoas – chega-se até um debate entre as palavras, o papel e a mente –, mas uma vez que você começa a escrever, as frases vão saindo sozinhas e, sobretudo, os sentimentos. Tudo na vida chega e, parece que não, mas as linhas também chegam a se completar sozinhas.

A escrita não tem que ser uma complicação, pelo contrário, deveria ser um prazer. Cada crônica que tenho que fazer é um complicado desafio, que muitas vezes faz com que eu brigue com minha própria mente, mas quando começo a escrever, gosto da sensação que essa arte gera em mim.

Escrever não é fácil. Mas também não é complicado.

Escrever leva tempo. Mas esse prezado tempo já passou e hoje eu já tenho minha nova crônica.

2011

---

FEDERICO POLASTRI

## ÓCULOS, RELÓGIOS E PERFUMES

Vou passando as páginas da revista e vejo uns óculos da última coleção de uma tal *Ana Hickmann* — confesso-lhe que é inevitável não me surpreender com o tamanho das armações e com os preços. Abandono rapidamente a imagem engraçadinha de ver o meu rosto todo coberto com uma máscara de mergulho. Decerto, a minha mãe arremataria:

— Tem conjuntivite, Maria Luísa?

Por um instante, acaricio um tempo que não é meu e, talvez, nem de você. Decido continuar, pulo várias páginas da revista — acho que se chama *Cláudia* — a paciência me escapa, me detenho quase no final porque a fotografia de um perfume com uma legenda que não consigo decifrar me faz pensar até que ponto chega a pirataria humana... Finalmente, me aborreço e jogo a revista no mesmo lugar.

Enquanto espero que o estilista se liberte daquele grupo de mulheres, começo a estranhar a situação — não é a primeira vez que isto me ocorre quando venho aqui. Observo com atenção ao meu redor e vejo o mesmo retrato que vi a última vez que vim: as calças apertadas e as cores rosa sempre combinadas e as mesmas maquiagens e os brincos e os anéis e as pulseiras idênticas e os cabelos encaracolados resistindo a serem alisados e os dois celulares e os espelinhos e os mesmos gestos e risos exagerados retumbando por toda parte e os óculos de acetato e cristal escuros e os mesmos relógios de titânio e os perfumes importados. Tudo me confunde. Perco a noção da realidade, pois não sei se uma força estranha me absorveu para dentro da *Cláudia*. Tudo é igual, aqui e lá, lá e aqui. Mas eu resisto. Não estou a fim de entregar a minha essência, a minha vida em troca desta beleza feminina que vai lá saber de onde surgiu e quem impôs como modelo, espero que você me acompanhe em minha resistência. O que diriam mulheres como Mary Wolstonecraft, Lucrecia Mott, Louise Otto, Isabel Perón ao verem estes protótipos do século XXI amontoados neste salão? Sem dúvida, ficariam chateadas depois de tanto lutar em prol dos direitos femininos.

Mas a guerra ainda não está perdida. Claro que é possível a gente se arrumar e ficar bonitinha sem perder a cabeça. É só ter um toque de criatividade e encontrar aquela roupinha que se adapta bem à nossa figura e à situação. Lembre-se que o “plágio” fica para questões escolares. É nada de andar queimando o dinheiro nos shoppings. É nada de andar colecionando quilos e quilos de roupas sem estrear no armário que não servem para nada. Faça caridade! Vá

lá na esquina de sua casa e entregue a quem precisar. Esse é um verdadeiro medicamento para o coração.

Afinal, é você que escolhe que tipo de mulher quer ser neste mundo. Por meu lado, eu me recuso profundamente a fazer parte daquele séquito que ainda continua a bombardear o pobre estilista como se fosse uma mamãezinha universal.

2010

---

FERNANDA FLORES

## A CASA DAS PALAVRAS

Prezados leitores, esta crônica chama-se “A casa das palavras” e é justamente disso que vai tratar. Não esperem metáforas, é literal: casa das palavras.

Porque acontece que havia um condomínio onde moravam palavras. Era um prédio grande, com muitos apartamentos, em uma zona residencial da cidade.

Os apartamentos maiores e mais elegantes pertenciam a umas palavras que diziam ser condôminas históricas, descendentes de antigos e reconhecidos moradores, os quais tinham, aliás, participado na construção do edifício. Elas tinham retratos dos seus antecessores nas paredes, falavam de tempos antigos, mencionavam façanhas no Lázio, no Peloponeso e no Oriente, orgulhavam-se da sua estirpe.

Havia também outros vocábulos que não tinham o berço nobre de certas vizinhas, mas moravam lá há tantos anos que já ninguém lembrava (nem ousaria sugerir!) que não pertenciam ao prédio. Por outro lado, eles próprios reconheciam, também, não serem os mesmos que haviam chegado; achavam que, depois de tanto tempo passado aí, alguma coisa tinha mudado neles... E sentiam que faziam parte.

Um terceiro grupo, relativamente reduzido, era o horror e comentário permanente dos dois anteriores: vários moradores num mesmo apartamento, festa todos os fins de semana, atraso no pagamento das despesas de condomínio, porta do elevador mal fechada e, obviamente, nada de cumprimentar os vizinhos. Certos condôminos teriam gostado de mandá-los embora, mas sendo proprietários legítimos do 1.º “B”, do 4.º “A” e, hoje em dia, também do 7.º “C”, isso não era possível. Quem não gostasse deles, que os evitasse.

Grande parte dos apartamentos era ocupada por famílias de classe média, muitas vezes jovens, que trabalhavam de segunda a sexta, levavam os filhos à escola, recebiam amigos aos sábados, almoçavam com os pais ao domingo. Uma vida normal, sossegada.

Certos ocupantes mal eram conhecidos pelo resto. Normalmente, andavam tão atarefados com o trabalho e com os compromissos sociais que os vizinhos quase nem tinham oportunidade de vê-los. Outros, pelo contrário, estavam o dia todo em casa, sem fazer nada, sentindo que a vida deles passava despercebida aos demais.

A maior parte das palavras tinha residência permanente no prédio. Só houve dois apartamentos que, aproveitando o auge do turismo, o dono passou a alugar a turistas. Quantidades de jovens de muitas nacionalidades moravam uns dias, faziam amigos,

conversavam com os vizinhos e, tempo depois, iam embora. Só uma menina checa ficou, contou-me o zelador, porque acabou namorando um rapaz do 10.º (não lembro se "B" ou "D").

2008

---

GUILLERMO JIMÉNEZ

## ÓCULOS, RELÓGIOS, PERFUMES

Vou passando as páginas da revista sigilosamente, para que nenhum passageiro indiscreto possa tomar conhecimento do que estou lendo. Não é que seja pudorosa, como você pode estar imaginando, mas quando viajo em ônibus detesto profundamente que as pessoas metam seu nariz na leitura alheia, usando-a quase como um separador de páginas. Eu considero que se uma pessoa é capaz de se intrometer na minha leitura, a próxima ação será bisbilhotar a minha vida.

Quando leio em espaços públicos, costumo usar uns óculos de sol *Dolce & Gabbana*, quadrados, que comprei em Milão faz meio ano, que embora sejam um tanto esquisitos, servem para ocultar-me de pessoas chatas. Nunca falham, são como um relógio suíço. Falando de relógios, ainda me pergunto como é possível que a Ernestina, minha assistente, possa ter comprado esse *Patek Philippe* com o seu mísero salário. Imagino que é obra de algum tio rico que a tenha adotado como sobrinha por algum tempo. Com certeza, ela não tem ideia do custo da peça.

Ernestina é uma mulher de trinta e cinco anos, divorciada, mãe de dois filhos terríveis e que adora meter-se onde não é chamada. Embora eu aja de forma indiferente com ela (não posso ignorá-la por completo já que trabalhamos juntas), ela não perde oportunidade para me analisar,

- Você está ficando a eremita da escola.

que não gosto dos bate-papo em público, que não passo o tempo com outras professoras e que ninguém sabe nada das minhas últimas férias em Miami. Não é certo, e se assim fosse,

- Quem são vocês para opinar sobre mim, pergunto-lhe na saída da aula.

tenho todo o direito que minha vida continue sendo privada. Acontece que muitas pessoas têm o defeito de desconhecer a diferença entre uma amizade e um relacionamento de trabalho, lembre sempre disso, entre uma chefe e a sua subordinada como é neste caso, e além do mais, não possuem a inteligência suficiente para saber o que dizer e a quem dizê-lo.

Na última sexta, estive no Shopping da Avenida fazendo algumas compras. Depois de uma árdua semana, na qual os alunos me incomodaram mais do que o normal, pensei que merecia receber um bom presente. Então, achei que a loja da *La Parfumerie* seria a melhor

opção, não é? As marcas do sol da Florida ainda se refletiam à volta dos meus olhos, então, decidi comprar um creme hidratante,

- É americano, ideal para peles envelhecidas, estampou uma menina esquelada que falava com uma voz muito incompreensível. Velha, eu? Que falta de respeito é essa, meu Deus!

- Gerente! Como é possível que esta rapariga me agrida dessa maneira?, brami no meio da sala enquanto observava os ademões do homem tentando fazer calar minha justa reclamação. Um minuto depois, outras mulheres, aproveitando o barulho causado pela grosseria da vendedora (eu não quis ofendê-la, lamentava-se tardiamente a agressora), começaram a queixar-se dos preços dos perfumes. Finalmente, o gerente, que é um homem de bem, solucionou minha raiva com um presente conforme a magnitude do meu mal-estar: o *212 Sexy Carolina Herrera*.

Às vezes não sei como aguento viver numa cidade como esta, com tanta indiscrição no ar. Assim, prefiro evadir-me de certas coisas, e leio. Vou passando as páginas da revista, até que o cansaço do dia me leva a um sono profundo.

2010

---

IGNACIO SPINA

## DOR NO PARTO? DOR NÃO, PARTO.

Só na sala de espera do ginecologista é que eu resolveria ler uma matéria tão absurda e de tão pouco valor. Sabe aqueles artefatos antigos para guardar revistas que jamais faltam na sala de qualquer médico? Bom, foi de lá que eu tirei a revistinha em questão...

É engraçado como esse tipo de revistas só se encontra em salas de espera. Essas revistas de mulheres são antes revistas de consultórios e de salão de beleza. Não só não conheço ninguém que compre, como também não saberia onde conseguir se eu resolvesse um dia dar uma oportunidade àquele tipo de jornalismo tão comercial.

O fato é que o título da matéria era algo como "Como controlar a dor no parto". É verdade que as dicas – que recomendavam métodos de relaxamento impossíveis de lembrar em momentos desses ou até a anestesia peridural, que bem sabemos que nem todo o mundo pode usar – eram absurdas, mas o que mais me chamou a atenção era o nome do autor: Wagner Araújo. Wagner? Em toda a minha vida tenho conhecido milhares de pessoas e poderia jurar – se necessário, assinando um papel em troca da minha alma – que Wagner é nome de homem.

O problema não é apenas o conteúdo, mas quem pode falar do assunto. Teve uma vez que ouvi, num documentário, um treinador de elefantes de um circo dizer que o animal não sofria por ter de fazer as provas do show. O rapaz que perguntava chamou poderosamente a minha atenção. Dava para perceber que ele não concordava com o sacana, pois era impossível ele fazer tal afirmação. O jornalista tentou não demonstrar que discordava, mas eu percebi bem rápido. Se a ironia tivesse existência física, seria a cara daquele sujeito ao escutar isso. Sim... É... Claro... falava para o entrevistado enquanto seus olhos delatavam o "Não concordo, esse cara está mentindo". Para o moço era óbvio que o outro mentia. Olhava para ele e ficava pensando como podia fazer aquela afirmação. Ele teria sido elefante em outras vidas? Com certeza não. E foi assim que troquei de canal.

A leitura dessa matéria me fez lembrar aquela anedota que eu considerava esquecida faz tempo. Pois é, Wagner, você acha que sabe mesmo o quanto dói? Não, você não sabe, pois somente nós sabemos.

Vou te explicar: na verdade o substantivo "dor" não é realmente muito exato para definir o que a gente sente nesse momento. "Dor" não é suficiente. Dor é o que você sente quando a faca bate por engano em alguma parte do seu corpo. Ai! (seguido, na maioria dos casos, de palavras que na TV costumam ser proibidas até as dez da noite). Dor é o que você



sente quando apanha uma porrada de outrem (e aí a palavra chula não precisa de “ai” nenhum para sair livremente). Dor é o que aparece na barriga ao beber leite uma semana depois da data que diz na garrafa. Dor é o que você tem na cabeça quando alguém não para de fazer alguma coisa que te atrapalha. Mas o parto não é isso não. É, de fato, tudo isso e mais.

Se pudesse ter uma foto que demonstrasse a frialdade da sala, qualquer um acharia impossível o quanto a gente se cobre de suor naquele momento. É, porém, apenas uma aparência estética, pois todo o mundo sabe que não há lugar mais caloroso do que uma sala de partos. Se a gente tivesse um espelho nesse momento, seria ainda pior poder perceber a situação com três ou quatro pessoas olhando as nossas misérias enquanto nos exibimos ao mundo da maneira mais desarrumada possível. Mas se fosse realmente dor, como você acha, nada teria a ver com o clima ou com a nossa aparência física.

Primeiro, é dor, sim. Ela desce lentamente dos pulmões à base da barriga como se fosse um litro de bromo tentando percorrer um canudinho apenas inclinado. E assim, o que antes era uma opressão interna, acrescenta um profundo sentimento de ardor até virar, finalmente, uma queimação insuportável. Só depois de perceber que será impossível fazer mais força é que você ativa os ouvidos para escutar os sons que provêm do exterior. Alguém impossível de identificar pretende interagir:

– Força!

É lá que a gente não se furta da irritação. Força? Tô fazendo o quê? A expulsão de palavras chulas não se faz esperar.

– Força!

E continua do mesmo jeito, mas agora sentindo aquela queimação um pouquinho mais abaixo. Pois é, no lugar que você está imaginando.

– Força, mais uma vez!

Mais uma vez? Caramba! Se, nesse momento, alguém me informasse que eu morreria nos próximos cinco minutos, com certeza eu choraria só por ter que esperar todo aquele tempão.

– Força, meu bem, força! Já tá saindo, já!

Mas a situação, mesmo acabando, só acrescenta o pranto – tranquilizador por natureza – de um bebê. Pranto que a gente ouve com muito amor e gostaria de ouvir pelo resto da vida. Só dura, porém, uns cinco minutos, quando os médicos resolvem levar a criança para continuar com a rotina.

Tá vendo, Wagner? Não é dor. É parto... parto é a palavra. E para provar que dor é apenas uma mínima parte do que a gente sente, basta entender o pranto da recém-mamãe nesse preciso momento: de dor, pela opressão que se transformou em queimação; de emoção,

por ter conhecido aquele anjinho com quem conversou durante nove meses; e de tristeza, por ter que esperar até os médicos terminarem de prepará-lo para poder ficar em paz com o bebezinho.

E aí, Wagner, tá com vontade de escrever mais uma matéria de partos? Com certeza, deve ter um monte de revistas ansiosas por publicá-la. Quando estiver pronta, me avise para eu marcar hora no médico para poder ler.

2009

---

IVÁN VILANO

## UMA LARANJA NA MÃO

É isso aqui, uma simples laranja na minha mão. Como cheguei de ter uma laranja na mão a me perguntar o que fazer com uma delas? Simples, viu naqueles dias que você encontra coisas na sua casa que não sabia que tinha? Bom, este foi o assunto. E que se pode fazer com uma laranja? Einstein dizia que a imaginação não tem limites, mas um homem num pequeno apartamento só pode espremê-la. Talvez seja o momento oportuno para pôr em prática alguns dos tantos conhecimentos adquiridos nas muitas horas que assisti, na TV, programas de cozinha. Vocês vão rir, mas depois de semanas perdidas diante do primeiro aparelho elétrico gerador de curtos-circuitos sentimentais, aprendi que com duas mãos é possível espremer uma laranja. Este cítrico, como muitos outros, tem sementes que magicamente ficam "detidas" se você utiliza uma das suas mãos a maneira de coador

(importante ter a mão limpa).

E aí eu pensei: se a tecnologia faz que nossa vida seja mais simples a cada dia, porque ficar com sementes na mão...

Então, com meia laranja na mão, fui direitinho para a loja de eletrodomésticos e perguntei: o senhor tem algum aparelho que faça a ação de apertar a laranja assim como eu estou fazendo e que ao mesmo tempo faça a outra função que está fazendo minha outra mão e detenha as sementes? Não sei como, mas aí eu percebi que um vendedor pode se expressar muito bem com gestos sem dizer palavra alguma. Venho com um aparelho enorme que obviamente, pelo preço, deveria fazer muitas mais coisas das que eu imaginava. Nesse instante, eu também virei ator e fiz um "ok" desses das publicidades onde qualquer bobagem se torna indispensável para ser feliz e fui pro caixa. Este novo exemplar de ator era menos expressivo do que você imagina, eu desafio alguém a tentar, se tiver uma coragem dessas de filme de cowboys, pedir troco num ator desse tamanho. E saí super feliz com minha meia laranja já espremida e meu aparelho. Esses chineses são uns gênios, e essa loja espalha arte à beça. O melhor de comprar aparelhos novos é abrir a caixa, e o impossível é jogar no lixo o isopor sem fazer barulho (mais um desafio para meus leitores). Evidentemente, as empresas de eletrodomésticos são a favor da ecologia, agora os manuais são de uma folha. Uma página é um minidicionário de muitíssimas palavras das quais vamos precisar falar no máximo três que tecnicamente não são corretas

(é como todo o mundo fala)

e a outra página é um monte de endereços de outros estados que ficam bem longe de casa  
(pode testar no Google Maps se quiser).

E depois de arrumar tudo, liguei e nada. Liguei de novo e nada. Liguei pra loja e me disseram que se lembravam de mim

(gente fina)

e que tinham testado o espremedor, que com certeza devia ser a laranja que não funcionava

(eu sabia que os chineses eram gênios e seus testes de qualidade eram cem por cento confiáveis).

Então, aonde é que fui? Não, os senhores pensaram que eu ia falar com uma laranjeira... Fui para um supermercado, mesmo que nunca tivesse comprado nada lá, as publicidades dizem que estão sempre à nossa espera...

Neste grande estabelecimento de vendas em geral, não tinha atores nem sutilezas, mas o método para fazer reclamações era bem-parecido. Os vendedores e os seguranças comunicam-se muito bem, sem falar nenhuma palavra botam fora na hora. Com um leve movimento do seu dedo indicador, um funcionário de supermercado põe em movimento a logística do protocolo de segurança para a evacuação de fregueses com reclamações indevidas

(entenda-se botar o fora).

Já respirando o ar fresco da cidade e um pouco cansado, com a meia laranja espremida numa mão e o espremedor na outra, parei um pouco para pensar (não se assustem) e uma ideia brilhante surgiu no momento em que vi passar uma ambulância. Aonde é que fui? Desta vez adivinharam, sim fui ao traumatologista. Eu disse que a única falha possível poderia estar na minha mão porque uma laranja é impossível que falhe na função de ser espremida, os chineses são gênios... Só restava minha mão... E que foi que ele disse? Ele também deve ser freguês da loja de eletrodomésticos e do supermercado porque não falava nada. Aí eu pensei: um dia desses tenho que visitar o otorrinolaringologista, talvez eu esteja um pouco surdo. E aonde foi que fui depois do traumatologista? Não adivinharam, não fui a lugar nenhum, estava muito cansado e decidi voltar para minha casa e relaxar um pouco. Enquanto ia andando, pensei: Einstein tinha razão, todas as coisas que podemos fazer com uma laranja (imagina com as palavras).

2011

---

LARA ARAÚJO SILVA

## VERDES ANOS

Ninguém pode negar que todos os anos existe um dia que lhe é exclusivo. Nem todo mundo gosta de comemorar esse dia, mas de crianças com certeza esperavam ansiosas esse dia, em que ganhariam muitos presentes e seriam o centro das atenções. O dia do nosso aniversário é importante e sempre temos que comemorá-lo, mesmo que seja com algo simples.

O aniversário de que mais lembro é o da minha avó. A coroa sempre fazia uma baita festa. Nunca deixou de comemorar o dia dela. Sempre era algo diferente. Ela contratava o serviço de comida e os garçons e garçonetes e algum show para apresentar na festa. Nos aniversários dela teve dançarinos, de todos os estilos, palhaços, mágicos e até músicos (cantores e bandas instrumentais).

A mocinha festejada sempre participava dos shows, nunca vi outra avó tão animada quanto a minha querida garotinha saltitante. A jovial velinha sempre teve uma energia que muitos dos convidados invejavam pois só nós, os pequenos, e ela conseguíamos. À medida que nós, netos, fomos crescendo, começávamos a não ter o fôlego para aguentar o ritmo que a pícara aniversariante levava.

- Lucianinho, que foi que já está sentado? Cadê a tua juventude? Jajaja.
- Ai, vó, eu já não consigo seguir o teu ritmo!

Mas fora a energia e a alegria que a artista possuía, houve sempre algo que não mudava, o momento de cantar o parabéns! Os bolos sempre eram diferentes (assim como os números que colocavam neles, 70... 75... 80... 90). Só havia algo que estava presente em todos esses bolos, um cartaz com letras em cor verde que dizia: verdes anos. Eu não entendia porque ela colocava isso em todos os bolos dela. Até que um dia cheguei perto e perguntei: Por que usa sempre esse cartaz, vizinha? Ela começou a rir. Eu fiquei sem graça, achava que o riso era porque eu já deveria saber o significado daquilo (não era esse o motivo do riso da mocinha).

- Meu neto querido, esse cartaz é algo que me faz lembrar umas palavras que minha mãe me disse há muitos anos. Quando eu era muito pequena, meus pais escutavam muita música portuguesa, assim que acostumei o ouvido aos fados. Mas teve uma música em particular que ficou na minha memória, é um fado que chama justamente "Verdes Anos". Lembra daquele músico português que veio na minha festa de oitenta anos? Bom, ele tocou aquele fado, foi a primeira que ele apresentou. Essa música me enche de alegria e lembranças.

Me faz voltar àquele momento em que escutava o rádio, junto aos meus pais. Além de que para mim, essas palavras representam a juventude e a esperança.

- Então, é pela música da tua infância que você colocou esse cartaz?

- Não só por ser uma música, as palavras me fazem sentir bem. Por isso, em todos os meus aniversários eu comemoro com tanta alegria, porque os anos podem ir crescendo mas o meu espírito sempre permanecerá jovem.

Naquele momento, não compreendi muito bem tudo o que minha avó explicou. Mas quando era adulto, procurei a música de que ela falou. Naquele momento, entendi do que ela falava. Me deu paz ao coração. Então decidi que eu faria o mesmo nos meus aniversários, não só comemorei (e continuarei a comemorar os que se seguirem) com toda a energia que possuía como também em todos os meus bolos coloquei o mesmo cartaz que usava a minha mulher mais especial.

Ontem, no meu aniversário número setenta e oito, veio até mim a minha neta mais velha e fez a mesma pergunta que eu fiz para a minha avó. E como aconteceu daquela vez, eu também ri e, logo em seguida, expliquei o motivo dos verdes anos.

2010

---

LEONARDO GARIZZIO

## VERDES ANOS

### UMA ETAPA, VÁRIAS ALEGRIAS

Se eu falar em Anos Dourados, ou em Dourados Anos, você pode lembrar a minissérie brasileira produzida pela Rede Globo, o movimento artístico revolucionário, ou a canção de Chico Buarque (“Mas quando me lembro são anos dourados...”). Agora, se eu falar em Verdes Anos, sua mente, possivelmente, evoque o filme português de Paulo Rocha, ou a música de Carlos Paredes, a qual teve boas críticas pela mídia portuguesa (“Esta música é Portugal posto em formato áudio...”). Porém, não. Nesta ocasião, o motivo das minhas palavras é o período mais extraordinário que eu vivi. Muitas vezes, ouvi esse pensamento coletivo que manifestava a importância da cor verde: natureza, esperança, segurança, perseverança, concentração e energia são alguns aspectos que representa a mistura entre a cor azul e a cor amarela. Ela cria um ambiente propício para tomar decisões! Por causa dessa última afirmação, que repercutiu tanto na minha cabeça, surgiu o colorido título.

Sempre fui uma pessoa dubitativa. Além disso, sempre demorei muito tempo para fazer tudo (- Maria, faz uma hora e meia que você começou a preparar o jantar!). Imagine a reação do meu marido toda vez que eu tinha que me arrumar para sair com ele nos finais de semana!

Após cinco anos de namoro com José Arnaldo, tomei a primeira grande decisão: casar-me com ele. O “sim” na igreja foi o início desses verdes anos. A etapa maravilhosa deixou, em minha retina, lembranças inesquecíveis.

As férias eram nossos momentos mais esperados. Colômbia, Cuba, Espanha, México, Suíça e Grécia foram alguns dos destinos escolhidos. Nós procurávamos paisagens lindas, naturais e afastadas das cidades importantes. Nosso principal objetivo era percorrer praias novas, passar o dia todo pegando sol, areia e mar (Claro! Perceber o som das ondas do mar misturado com a melodia do vento é inigualável!). O barulho monótono do mar quando bate na areia pode se refletir na letra de uma canção de Lenine, “O bonito se vê na beira da praia...”. Na Europa, também conhecemos povoados coloniais, que mantêm a estrutura tradicional desses lugares, e onde a tranquilidade invade as almas humanas.

Apesar de todas essas viagens, José e eu acabávamos por cair, inevitavelmente, na rotina típica dos casais. Por isso, começamos a procurar alguns recursos para sair desse abismo matrimonial. Para quebrar com isto, saíamos nas sextas-feiras e sábados à noite, assistíamos filmes no cinema central, jantávamos nos restaurantes que preparavam comida

internacional, íamos ao teatro, etc. Fazíamos tudo dependendo da quantidade do dinheiro que “morava” nos nossos bolsos, e quando não ficava moeda nenhuma, ceávamos em casa, assistindo alguns vídeos musicais que eu descarregava da internet. Na hora em que nós nos deitávamos, um intenso amor surgia e uma espécie de ser celestial falante nos dizia que ia perdurar até o último dia das nossas vidas. Nosso relacionamento melhorou, sem dúvidas, já que conseguimos o tão desejado equilíbrio. As discussões não eram os assuntos principais das nossas conversas. O respeito constituía a base da relação. Assim, era mais fácil.

Mas, os momentos de felicidade nesses anos tão especiais também se refletiam no trabalho: o diretor da empresa me nomeou chefe comercial, aumentando meu salário quarenta por cento. Ele me disse: “Maria, você deveria tomar todas as decisões do departamento comercial. Eu confio na sua capacidade”.

Minhas amigas faziam parte do meu contentamento durante todo esse tempo, elas eram como minhas irmãs, pois sempre que eu precisei de ajuda ou de um ouvido que me escutasse, elas me acompanharam. Tudo parecia cor-de-rosa. Se nós levamos em consideração o título da história, parece irônico, não é? Essa sucessão de momentos belíssimos formou os já famosos verdes anos. Anos cheios de alegrias e emoções. Uma grande quantidade de dias que espelhavam as mais destacadas características da cor verde.

Às vezes, chegava a pensar se eu merecia tanta felicidade durante todo esse tempo. Um dia, sentada na varanda do apartamento que comprei com José Arnaldo, perguntei-me se faltava algo para que minha satisfação fosse ainda maior. Depois de falar com meu marido, pude esclarecer essa pequena dúvida, e me dei conta dessa falta...

Após alguns meses, essa “falta” virou um anjinho, um anjinho com vontade de voar e de nos apaixonar. A crônica acaba, como se fosse um poema, e esse anjo tão bonito se chama Marquinho, o nosso filho.

2010



LILIANA BUSTOS

## O MEU VELHO

Já te contei que fico muito emocionada toda vez que vou visitar meu pai? Será que todo mundo sente essa emoção tão especial?

Ele espera a minha chegada como se eu fosse um presente valioso, e sou, com certeza, tão importante que só com o fato de ver a alegria que reflete seu rosto quando me vê, me sinto do mesmo modo. Seus olhos brilham quando me veem, as lágrimas por vezes com vontade de sair. Sua cara marcada pelas rugas, que mostram a passagem dos anos, seu sorriso limpo, seu olhar perdido, que, ao ver-me, encontra um alvo.

Chego à sua casa, toco a campainha, minha mãe abre a porta, sorri e diz: "Seu pai disse que era você, ele é bruxo".

- Como assim? Eu não avisei que ia vir.

- Não sei como ele sabe, mas ele está te esperando, ele sabe quando escuta a campainha que é você.

Nesse momento, fico nervosa, emocionada, minha felicidade começa a surgir, não são os meus sentimentos que me fazem feliz, é a alegria que eu posso gerar nesse ser tão amado. É o prazer que sinto por saber que sou capaz de transmitir felicidade a ele! Gostaria que você pudesse ver a sua cara, o brilho nos olhos.

Entro em casa dele, aí está ele sentado a um lado da mesa, assistindo a televisão, olhando sem olhar, pensativo, passivo, seus cabelos brancos curtos, tudo deixa ver o avô que hoje é. Onde está esse homem tão ativo, trabalhador? Foi embora e veio outro no seu lugar? Não, ele é o mesmo homem, eu consigo reconhecer a pessoa que ele foi, mas agora anda devagar. Não tem pressa nenhuma, sua vida agora passa sem que ele a acompanhe. A fadiga que sente por ter cumprido com as suas funções durante anos pede para ele descansar, ficar em sossego.

O meu velho - meu querido pai - quantos anos passaram, quantos anos juntos, tantas vezes brigamos por bobagens sem pensar que nos levariam a discutir e passar momentos tristes? Tempos passados ficaram longe. Hoje estamos juntos, os dois aprendemos a gozar da companhia um do outro e passar os instantes, que Deus permite, felizes sem outra intenção que partilhar tudo o que pudermos e amar-nos.

2009

---

MARCELA GIL

## CHEGA UMA ALTURA

Romper com as imposições socioculturais não é coisa fácil. A identidade de um povo se reflete também no jeito de ele ser. Ora por história, ora por tradição, o povo argentino, mais especificamente o *"porteño"*, é, entre outras coisas, *derrotista* por natureza. Sobretudo, quando algum amigo ou familiar quer se aventurar em algum projeto novo. Aí, meu amigo, é quando surgem os mais espontâneos e variados recursos para entorpecer a execução de qualquer tipo de plano que tivermos em mente. Com o intuito de comprovar a minha teoria, passarei a relatar algumas experiências reais.

Certo dia, uma amiga queria resolver um pequeno problema de umidade que tinha em uma das paredes da sua sala. Sendo ela uma mulher de ação, logo resolveu pôr mão à obra. Nisso, chega um amigo da família, e à medida que a menina trabalhava arduamente na solução do assunto, o amigo, que só ficara a olhá-la, abanava a cabeça em um constante gesto de reprovação. Chegou uma hora em que a mulher cansou.

Ó - disse ela num tom desafiador - 'cê vai passar a tarde toda me olhando desse jeito ou vai me ajudar a "dar um jeito"? O cara, sem se mexer por um instante, lhe respondeu: - A única solução viável, a meu ver, é você derrubar a parede toda e levantar tudo de novo.

Tudo de novo? Ainda bem que minha querida amiga não deu ouvido para a dica do amigo. Caso contrário, a casa toda teria desabado. A tal parede era o alicerce maior!

A história do meu irmão Roberto não é muito diferente. Há 15 anos atrás, ele estava com um dinheiro, um que ele poupara do retiro voluntário. Vendo que a grana não iria ser eterna, teve a ideia de investir em algum tipo de comércio, mais exatamente em uma loja de ferragens. Lá vem a opinião, não solicitada, do sogro:

- Meu filho, em que país você tem morado? Por acaso você não lê os jornais? Por acaso, você não assiste os noticiários?... Fique sabendo que a economia desse país já atingiu o vermelho!!! Mas, que vermelho! A economia está atravessando o momento mais negro da história! Ou por acaso você não se apercebeu que estamos no fundo do fosso? E quando falo em fosso ahahhaa. - E levantando os braços para o ar, continua: - Você 'tá maluco, investir numa hora dessas?!... Pelo amor Deus, moleque, pensa um pouco antes de agir!

Reflexão: A partir do momento em que qualquer argentino começou a fazer uso da razão, nunca foi hora de investir em nosso abençoado e amado país. Porém, o que teria sido, então, da vida de nossos comerciantes se tivessem acreditado em tão nefastas previsões? É isso aí, meu amigo. Chega uma altura na vida da gente em que temos que *desouvir* esses milhares de sogros do Roberto ou amigos da família e fazer de nossas vidas o que melhor nos parecer. Fica claro que essas negativas, geralmente, só procuram evitar uma mágoa maior, não obstante, começar a ter um pouquinho mais de fé nos projetos das pessoas amadas não seria coisa errada. Aliás, estaríamos começando a ter um hábito novo. E os hábitos, caro amigo, tornam-se costumes e os costumes tornam-se tradições. Quem sabe? Talvez acabemos acreditando em nosso potencial... De qualquer jeito, e apesar das decisões certas ou erradas, tudo é melhor e mais bonito com o apoio dos seres queridos. Afinal de contas, do que vale a vida se não correremos o risco de vivê-la?

2009

MARÍA CELESTE AGUIRRE

## NOSSO ÚLTIMO DIA JUNTOS

Já passaram muitos anos da última vez que te vi, mas ainda me lembro de teu cabelo preto encaracolado, teu olhar melancólico e teu jeito tranquilo de ser. Você era o homem perfeito, o amor da minha vida, meu príncipe...

O dia que você foi embora, eu te cumprimentei várias vezes e você respondeu cada um de meus cumprimentos... Será que ambos sabíamos que era nosso último dia juntos?

Você saiu de bicicleta para alugar a casa nova. Nosso sonho de ter uma casa grande estava se tornando realidade!

Tinham passado várias horas da tua partida, era de noite e eu estava brincando na calçada quando a polícia chegou a casa. Que estava acontecendo? Ninguém soube responder. Só vi minha mãe subir no carro e algumas vizinhas entrando em casa da minha avó.

Eu fui me sentar sozinha na calçada, sem querer escutar ninguém. Então, minha vizinha Lili veio e me disse: vamos jantar em minha casa, preparei algo especial pra você e seu irmão. Foi uma noite longa, a noite mais longa da minha vida. Ainda lembro como se fosse hoje, meu olhar vazio olhando para o céu pedindo a Deus que esquecesse qualquer desejo que tivesse pedido antes. Só queria que você voltasse para o meu lado outra vez...

Depois de dormir algumas horas, um novo dia chegou. Lili me despertou, preparou o café da manhã e foi para o banheiro. Quando ela voltou, entrou na cozinha, queria dizer uma coisa! E a notícia chegou: você tinha falecido. Nesse momento, meu pequeno mundo caiu, se desmoronou, desapareceu... Não sabia o que dizer, não podia acreditar no que tinha escutado.

Eu fui a encarregada de dar a triste notícia a meu irmão caçula. Acho que ele não entendeu (ou não quis entender), porque após escutar a notícia continuou brincando com seus carrinhos como se nada tivesse acontecido.

Hoje, não sou mais aquela menina de nove anos de cabelos compridos, muitos anos passaram e já sou uma mulher, porém, ainda lembro aquele 8 de dezembro de 1988: nosso último dia juntos.

Saudade, pai querido. Tomara que algum dia possa te abraçar novamente...

2011

MARÍA EVA PARISI

## MULHERES

Mulheres fortes e fracas.

Mulheres donas de casa e profissionais.

Mulheres apaixonadas e desapaixonadas.

Mulheres discretas e indiscretas.

Mulheres corajosas e medrosas.

Mulheres liberais e submetidas.

Mulheres casadas e solteiras.

Mulheres, mulheres, mulheres, mulheres...

Mulheres todas diferentes, únicas e especiais.

Penso sempre em como a imagem da mulher foi mudando através do tempo, mas, cuidado, porque já sei o que você está pensando: "lá vem outro discurso feminista", mas, não, e veja como posso conseguir surpreendê-lo.

Poderia começar pelo século XIX, tempo em que as mulheres começam a deixar suas casas para trabalhar nas fábricas em condições não muito boas, sendo criticadas e até humilhadas pelo fato de abandonarem suas crianças e serem consideradas inferiores aos homens, além disso, nem falar de ficar solteira, isto era considerado uma desgraça. Nesse período, a boa aparência e o casamento garantiam uma vida respeitável.

Já no século XX, as mulheres começam a acordar, é o início da "Revolução Feminina", direitos laborais, direitos civis e independência eram palavras muito correntes por esses dias e, aos poucos, o sexo, considerado inferior, começa a adquirir valor por si mesmo sem depender de ninguém, mas como disse, é só o começo.

E que acontece no século XXI?

Mulheres possuem os mesmos direitos do que os homens.

Mulheres trabalham em ciências, em política, em arte, em tecnologia.

Mulheres assumem responsabilidades não só em casa como também no ambiente profissional.

Mulheres do século XXI são livres, independentes e autônomas.

Mulheres do século XXI gostam de ser mulheres!

Será que consegui surpreendê-lo? Não sei, só espero que leia minhas linhas como um simples reconhecimento à luta de muitas mulheres que fizeram com que hoje todas nós possamos escolher como viver.

2009

MÓNICA ROSOSCHIK

## VOCÊ

No fim, você chegou. Estive durante muito tempo à sua espera. Tinha tanto medo, sim, confesso que sim, mas não foi tão grave. Poderia ter sido pior. Acho que foi até bom. Você quer que eu te explique? Até poderia, me esforço um pouquinho e tento

(até que em alguns aspectos foi até bom)

não conte para ninguém isto, mas foi assim, explico-te um "bocadinho"

(palavra que usa muito minha professora, aquela que me ensina a escrever estas coisas)

a experiência, essa que só vem com você, me ajudou a que sua chegada fosse mais leve. Não é que tudo seja agradável com a sua chegada, mais há coisas nesta vida que só podemos obter com ela (depois esclareceremos quem é você).

Vejamos se podemos contar as suas vantagens e desvantagens, só algumas, lógico, outras me dariam vergonha. Por exemplo, a capacidade de entender determinadas situações e de ser sensata, essa a devo a você. Também a de perceber quem são as pessoas que devo ter ao meu lado, do mesmo modo. Até a capacidade de resolver coisas com mais tranquilidade (esta não sei se todo mundo consegue quando você chega).

Outra das situações maravilhosas que só se podem obter com você é ser avó, claro que esse estado esplendoroso não veio ainda, mas só com você é que se pode consegui-lo (está muito próximo, imagino). Isso te dá muita energia e alegria e faz com que os aspectos negativos que você traz sejam até quase bons.

Então tudo aquilo de mau que você acarreta, a saber: doenças, falta de capacidade para fazer essas pequenas coisas, como descer do ônibus com velocidade, qual gazela, isso já não consigo fazer. Também lembrar certos nomes de atores ou de figuras notáveis rapidamente, impossível. Começo a titubear e a tentar pensar e fazer força para que o nome apareça, mas nada, só depois de certo tempo é que a ficha cai (só que já não é o momento oportuno).

No entanto, se faço um balance entre os aspectos negativos e positivos da tua aproximação a minha vida, devo dar um veredito favorável, porque o que pode haver de mais lindo na existência de um ser humano do que ver continuada sua vida na vida dos seus filhos e, logo, dos seus netos? Claro que isso só posso atribuí-lo a você: velhice.

2011

---

PAULA DE ALOYSIO

## VOLTANDO PARA CASA

Como todo dia, peguei o ônibus 108 para voltar para minha casa. Seis, sete da tarde. Você já sabe como se viaja nessas horas. Achei um pequeno espaço onde colocar meu corpo, que tinha crescido nos últimos meses. Gravidez? Não. Eu tinha sido vítima da famosa formulinha [briga com namorado + angústia = chocolates]. Ao meu lado tinha um homem de paletó que a cada dois minutos colocava álcool em gel nas mãos (preventivo ou obsessivo?) e uma mulher esquisitamente vestida (mal gosto ou esquizofrenia?). Éramos 40 pessoas numa gaiola móvel, um inspirando a exalação do outro.

Na metade da viagem, subiu no ônibus um casal de cegos. Ninguém se mexeu. Alguns subitamente dormiram; outros foram enfeitizados tão profundamente pelas suas leituras que não perceberam a presença desse casal, que, obviamente, precisava se sentar.

O motorista resolveu pedir aos passageiros que cedessem o lugar aos cegos. Assim, o senhor de gravata, que lia apaixonadamente um folheto de *Emagreça dez quilos num mês*, não teve outra opção que a de abandonar a leitura e se levantar. A dois metros de distância, outra pessoa ofereceu o seu lugar. O casal, finalmente, conseguiu se sentar. Porém, um afastado do outro.

- Isso está errado gente, eles têm de se sentar juntos! Era uma voz que vinha do fundo do ônibus e que atraiu para si todos os olhares. Automaticamente, a paz pegou seus objetos pessoais e sumiu pela única janela que estava aberta (era inverno). Diversos comentários começaram a se escutar, num tom de voz cada vez mais elevado. Rapidamente o ônibus inundou-se de uma grande gritaria.

No meio dela, eu olhava de um lado para outro, tentando seguir as "conversas" e, numa das viagens da minha visão, percebi que o casal, não sei como, já tinha conseguido se sentar lado a lado. Mas nada falei; queria ver como a situação ia acabar.

Dentre as vozes, ouviu-se um verdadeiro bramido de uma mulher de uns 50 anos: - Ei, você aí, como é que não levanta pra deixar eles sentarem? Deveria sentir vergonha. Falava para uma jovem de uns 24 anos, que viajava segurando a sua bolsa contra o peito, e olhava tudo o que acontecia com medo. A jovem, ao escutar as palavras daquela senhora, levantou-se com lágrimas nos olhos deixando à vista de todo mundo um barrigão de gravidez.

- Calma, meu amor. Senta aí novamente.

- Não vou sentar não, quero descer já! Não quero ficar aqui, quero descer!



- Está bem, vamos descer. Mas você fique tranquila.

Essa situação levou a briga a seu clímax. Alguns começaram a xingar essa senhora pelo que tinha dito. Todos gritavam menos o casal:

- Que calor que está fazendo, hein!

- É. E escutei que ainda vai piorar. Mas tenho uma ideia. O que você acha de a gente viajar semana que vem para Mar del Plata?

- Você está falando sério? Não tem de trabalhar não? Acho ótimo!

E eu? Eu ria. Olhava o casal e ria. Louca, eu? Provavelmente. Mas achei engraçado o fato de os cegos (muito mais surdos do que cegos) estarem totalmente alheios à situação que sem querer tinham provocado, conversando tranquilamente, enquanto o ônibus era uma real batalha.

E ria por os passageiros serem mas cegos do que os próprios cegos pois não tinham nem percebido que aquele casal já estava sentado fazia alguns minutos falando do mar, da praia, de viagens.

Ao descer fiquei pensando (não sei se vai concordar comigo): será que as pessoas brigavam não por estarem indignadas pela situação, mas por uma necessidade própria e totalmente egoísta de exteriorizar a ira, a angústia, a violência?

2011

---

ROMINA HEIBER

## COMO SE O ORVALHO TIVESSE BEIJADO VOCÊ

Não sei o que estou esperando. Que você ligue, talvez? É possível que seja assim, mas sei que você não vai ligar. Sempre me acontece a mesma coisa com vocês, os homens! Parecem estar mortos de amor por mim, mas é tudo uma mentira! Que linda é você, estou tão bem quando estou com você, me sinto completo ao seu lado, e blá blá blá. E o pior é que eu acredito neles porque sempre acho que alguma vez será diferente.

Esse aqui é o meu décimo encontro com um homem e, mais uma vez, não funcionou. Será que o problema sou eu? Vou contar para o leitor algumas anedotas para você tirar suas próprias conclusões. Talvez dessa maneira, consiga alguma boa recomendação, ou até um namorado!

Um dos meus primeiros encontros foi com um empresário muito chique, que me tinha apresentado uma amiga. Meu Deus!!! Era um desses príncipes que parecia tirado de um conto de fadas! Convidou-me para jantar fora num restaurante que eu não conhecia (muito bom por certo). Tudo estava maravilhoso. Quando acabamos de jantar, meu prato estava limpo, enquanto o dele tinha bastante comida ainda, portanto pedi para o garçom envolver aquela comida para eu levar para casa (detesto deixar comida nos pratos, é uma obsessão que tenho: deixar os pratos vazios). Ele ficou calado e depois me deixou em casa. Não voltou a ligar. Vocês acham que isso poder ter incomodado ele? Eu não acho, seria um exagero de sua parte deixar uma mulher por isso!

Em outra oportunidade, tive um encontro às cegas com um homem que tinha conhecido pelo chat. Na verdade, eu nunca faço essas coisas (foi a única vez, juro!). Aconteceu de tarde, e fomos no carro dele para uma confeitaria muito bonita perto de sua casa. Eu pedi um chá e ele um café. O garoto era muito interessante, advogado, muito inteligente e tinha muita cultura geral. Eu estava muito ansiosa e quando peguei o chá, tomei muito de um gole sem pensar que iria estar quente! E aí ocorreu o pior! Cuspi tudo na cara dele, porque queimei a boca toda! Vocês estarão pensando que sou uma mulher mal-educada, mas não! Claro que não foi a minha intenção cuspir na cara dele, mas o que podia fazer? Depois de tudo, foi uma reação espontânea e ele deveria tê-la compreendido, porque são coisas naturais que podem acontecer a qualquer um! Mas parece que não compreendeu. Levantou-se da mesa e foi embora. Eu não só tive que pagar a conta, mas também pegar um táxi para minha casa, já que a confeitaria estava a uns 30 km do meu lar.

Eu não acredito! Vocês são todos iguais, estão percebendo, né? Ontem fui ao supermercado e quando estava pegando os tomates, senti a voz dele..., sim, esse era o homem, eu tinha certeza disso. "Você acha que esses tomates são bons? Faz pouco tempo que moro sozinho e ainda não sei bem comprar boas verduras". Essa é a minha oportunidade, pensei. Quando voltei para responder-lhe a pergunta, descobri que aquela voz que me tinha seduzido pertencia a um homem de aproximadamente uns 90 anos. Hesitei uns minutos antes de responder... "São bons, olha que estão bem vermelhos, mas também não estão macios, é nisso que você tem que prestar atenção na hora de comprar tomates." Ele me agradeceu e ficamos conversando no corredor da quitanda. Ele me pediu o telefone, e achei que talvez fosse uma nova oportunidade de ter um namorado (apesar da idade, claro!, mas namorado, enfim...). Despedimo-nos com um beijinho nas bochechas e ele me falou que tinha sentido como se o orvalho tivesse beijado ele. Achei tão doce aquela frase...

Ainda não tive notícias dele e já passaram duas semanas. Não sei o que pode ter acontecido...

Desculpem lá! Meu telefone está tocando. Olá? Era o filho do homem do supermercado, disse que seu pai não está muito bem e que tinha pedido para ele me ligar. Precisava de uma enfermeira e me ofereciam o trabalho. Que loucura, pensei. Mas não hesitei. Era a oportunidade de conhecer um novo homem! Talvez dessa vez tenha sorte. Vocês que acham?

2009

ROSA DA SILVA

## PORQUE É QUE NÓS, MULHERES, SOMOS TÃO PARVAS?

Hoje, estava a trabalhar para a cadeira de *Materiais Didáticos* da professora Sónia com um cartoon da Maitena. Escolhi essa tira pelo título *Mulheres Alteradas* e o subtítulo: *“Algumas coisas típicas que uma mulher faz ao cumprir quarenta anos”*. Impacientei-me, comecei a ler, olhava para as imagens, seis, sim, eram seis. Não, não podia acreditar nas caras desses desenhos. Pensava

- Porque é que a Maitena denigre a imagem das mulheres que têm mais de 40 anos?

E tornava a pensar

- Então, é uma cartoonista que está muito na moda, acho que até é conhecida em Portugal...

Depois recorri à memória e pensei

(recorri à memória?)

sim, não digo menos que isso. Li a primeira tira: *Surpreender-se resignadamente*. É melhor nem imaginar a cara de espalhafato que tinha a mulher caracterizada naquele desenho!!! Olhos arregalados, com as duas mãos, esticava o cabelo. Dei uma vista de olhos na segunda tira, ainda pior, ouçam o título *Preocupar-se fisicamente* e comecei a ler. Não, não acreditava no que estava a ler - tirar os papos, esticar as rugas, puxar as maçãs do rosto e encher os lábios...! A mulher da imagem esticava a cara com as mãos, já parecia uma chinesa...

Observei o cartoon desenho por desenho. Cada um pior do que o outro. Só duas das imagens tinham uns desenhos mais ou menos agradáveis, mas quando li as linhas que a Maitena escreveu, meu Deus, que irónicas!!!

Então pensei, está bem, nós, as mulheres, temos as nossas coisinhas, claro, mas **NÃO É PRA TANTO!!!**

- HA HA HA, pareces tu!!!, disse-me uma voz interna.

Novamente, tentei ser objetiva e refletia: eu bem sei que nós, as mulheres, somos mais chatas do que os homens com as nossas inseguranças. Agora, porque é que os homens chegam aos quarenta e acham que ainda estão nos seus 20? Com exceção dos artistas ou de algum milionário, eles não fazem cirurgias estéticas, pelo contrário. É o que é que nós, as mulheres, dizemos? Os homens de quarenta, e já com algum cabelo branco, ainda são mais interessantes!

Porque é que nós, as mulheres, reparamos na parte boa deles? Porque é que os homens nos fazem sentir numa situação tão crítica? Porque é que apesar de nós, mulheres, sermos mais livres, vivemos ainda presas às suas ironias? Porque é que estamos no meio da vida e quando encontramos uma ruga, queremos matar-nos? Porque é que...

- Chega, mulher!!!, pensei.

Já me estou a chatear. Mas, novamente, os meus pensamentos me traíram.

- Assim, vamos lá Rosinha! Já que acreditas que és tão espertinha, vamos lá!

Então pensei, será que nós, as mulheres, somos assim para que a Maitena tenha sobre o que escrever para ganhar dinheiro?!

Oh, oh, ora essa. Mas digo e digo com muita raiva, à medida que passavam as horas, mais indignada ficava. Portanto, vou negar-me a ser uma "mulher alterada" só por ter mais de quarenta, uns quilinhos a mais, algumas rugas, de usar creme com mais colagénio, de ir ao ginásio, de pintar o cabelo 2 vezes por mês, NEGO-ME, SIM NEGO-ME a ser uma mulher alterada!!! E pronto!!! E rosnei

- Não devias ter-te incomodado tanto, mulher!!!

E, novamente, rosnei: - Ó subconsciente, não percebeste nada de nada!!!

2007

---

SANTIAGO URE

## VIDE BULA

Às seis e quinze, a água cor ferrugem sai da torneira. Após correrem alguns centímetros cúbicos, a água já é como deve ser; após outros centímetros cúbicos (suficientes para encher um copo), vai-se a primeira dose do dia. Lá fora (fora do banheiro, passando o quarto, atravessando a janela) há uma cidade que começará em poucos minutos a rotina de qualquer cidade, assim como algumas horas antes, em outros lugares, outras cidades começaram a quase mesma rotina. Eu estive fora da rotina, apesar de ter continuado o tempo todo na cidade, quase imóvel, preso em uma rotina interna, sentindo o destino antes dele chegar, esperando o pior, o medo, a doença, a solidão.

O efeito é leve, é um colchão minúsculo entre o pensamento e a ação. Uma distância necessária para me afastar do lugar horrível em que estava. Quem lesse a bula não tomaria, mas melhor não ler e continuar, já que ninguém gostaria de voltar àquele lugar anterior. Afinal, bulas parecem ter sempre uma parte de ficção.

No entanto, começam as dúvidas (será que dá para perceber alguma coisa? Eles vão reparar que eu ainda não voltei completamente?). Novamente, não interessa; melhor mesmo é continuar. Outro comprimido do dia.

E assim, surge uma nova rotina, um híbrido que vai se aproximando da anterior, ora perto da rotina da cidade, ora perto daquele lugar. E o tempo vai passando, não é tanto tempo assim, mas vai passando. A dose continua a mesma, o efeito parece diminuir, mas lembre-se: não beba (álcool, evidentemente). Eu bebi e passei mal. "Sim, melhor... sim", você pode responder aos mais íntimos, ou ao médico, e sem dúvida o "melhor" é verdadeiro, porém o medo continua, lá no fundo, como um lutador de boxe mantendo a guarda. O medo, a doença, o destino, a solidão, e o medo novamente, e mais doença.

Mas o pêndulo talvez comece a ficar mais do lado luminoso, incrivelmente você escolhe andar na calçada onde bate o sol, o cotidiano volta a adquirir o charme perdido, apesar de você não saber como vai encarar o caos em que se tornou a sua vida, a imagem momentânea do cachorro passeando, da criança correndo com sua jaqueta vermelha parecem mais fortes do que qualquer outro pensamento. Bem-vindo novamente à verdadeira rotina, a vida parece continuar. Porque eu sei que você alguma vez esteve no lugar onde eu estive.

Às seis e quinze, quando a água cor ferrugem sair da torneira e a cidade estiver quieta lá fora, prestes a começar a zumbir, alguém encherá um copo e tomará o comprimido,

esperando fugir do lugar onde está e eu estive, mas, infelizmente, esse lugar já faz parte da rotina da cidade. Afinal, não é por acaso que o remédio é um dos mais vendidos.

2009

## NOTA DA ORGANIZADORA

As crónicas constantes neste livro, *Cronicando III*, “O meu velho”, “Como se o orvalho te houvesse beijado”/“Como se o orvalho tivesse beijado você”, “Chega uma altura”, “Uma laranja na mão”, “A casa das palavras”, “Óculos, relógios, perfumes”, “O desencontro”, “Verdes anos” foram escritas a partir dos títulos dos seguintes autores e respetivas publicações/obras:

- “**O meu velho**” in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- “**Como se o orvalho te houvesse beijado**” in Antunes, António Lobo (2002). *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- “**Chega uma altura**” in Antunes, António Lobo (2006). *Terceiro Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- “**Uma laranja na mão**” in Antunes, António Lobo (2006). *Terceiro Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- “**O desencontro**” in Dias, Cidália (2010, 11 de Setembro). O Sexo e a Cidália. *Notícias Magazine*, p.66.
- “**La casa de las palabras**” in Galeano, Eduardo (1991). *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- “**Óculos, relógios, perfumes**” in Kellerman, Paulo (2008). *Silências entre nós*. Porto: Deriva Editores.
- “**Verdes anos**” de Carlos Paredes.

As crónicas que se encontram compiladas nesta edição foram escritas por estudantes durante a frequência da disciplina *Língua Portuguesa IV*, lecionada pela Leitora IC Buenos Aires, Sónia Dias Mendes, anos letivos 2007 a 2012, no curso de *Profesorado en Portugués no Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas “Juan Ramón Fernández”* (Buenos Aires, Argentina).

### **Bibliografia referenciada no Prefácio.**

- Antunes, António Lobo (2006, 22 de Junho). O melhor é a única boa. *Visão*, p.11.
- Couto, Mia (2012, 4 a 17 de Abril). O não idioma da língua. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p.7.
- Ondjaki (2009). *Os da minha rua*. Lisboa: Leya.
- Peixoto, José Luís (2002). *Uma casa na escuridão*. Lisboa: Temas e Debates.

### **Canções referenciadas no Prefácio.**

- “Vuelvo al Sur”, Astor Piazzolla
- “Beirã”, Rui Veloso
- “En la ciudad de la furia”, Soda Stereo



**organiza**

**Sónia Dias Mendes**

**- Instituto Camões Buenos Aires -**

**escrevem**

**Alejandro Caramia**

**Alejandro Leanza**

**Analía da Silva**

**Andrea Levitt**

**Cintia Gomez**

**Federico Polastri**

**Fernanda Flores**

**Guillermo Jiménez**

**Ignacio Spina**

**Iván Vilano**

**Lara Araújo Silva**

**Leonardo Garizzio**

**Liliana Bustos**

**Marcela Gil**

**María Celeste Aguirre**

**María Eva Parisi**

**Mónica Rososchik**

**Paula de Aloysio**

**Romina Heiber**

**Rosa da Silva**

**Santiago Ure**

**com o apoio**

